REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

11.º ANNO — VOLUME XI — N.º 359

11 DE DEZEMBRO 1888

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Começa por uma noticia triste a nossa chronica de hoje, a noticia da morte d'um homem, que não era evidentemente uma celebridade litteraria, ou uma celebridade artistica, ou uma celebridade politica, que não occupava na vida de Lisboa nenhum logar proeminente, mas que apesar d'isso era uma das physionomias mais conhecidas e mais sympathicas do nosso tempo e da nossa terra — o bom e honrado José Carlos de Freitas Jacome.

Toda a gente que tem vivido em Lisboa n'estes ultimos 50 annos conhecia o Freitas Jacome, todos os cantores e cantoras desde os mais illustres até aos mais obscuros que n'este longo periodo tem atravessado o palco de S. Carlos, entre ovações ou entre pateadas, conheciam esse jovial e sympathico José Carlos, que todas as noites viam lá na sua cadeira da superior a ouvil-os com uma attenção d'artista, e que nos entre-actos os cumprimentava nos camarins se elles tinham triumphado, lhes dava os conselhos da sua longa experiencia do publico de Lisboa e do seu bom gosto artistico de velho *dilettante*, se elles não tinham conseguido agradar ás nossas plateas, ás vezes tão exigentes, outras tão caprichosas.

O José Carlos *poeta*, uma alcunha que elle tinha dos seus tempos de rapaz, em que fazia versos por aqui e por ali, tinha o emprego mais em opposição com o seu cognome — era escrivão da Boa Hora.

Elle, que se importava tanto com musica e com litteratura, que não fallava senão em cantores e em poetas, que não discutia senão poesia e S. Carlos, ganhava o seu pão lidando com processos, entrunhado em autos, na convivencia pouco poetica e pouco musical de juizes, de advogados, de litigantes.

Era por isso talvez, era por passar todo o seu dia mettido no cartorio a tratar de demandas, que elle quando vinha cá para fóra se lançava com tanto ardor, com tanto enthusiasmo nas discussões artisticas e litterarias, tomava parte activa e proeminente com tanto fogo, com tanto calor, nas luctas e refregas do theatro lyrico.

Era a desforra do tempo consagrado ás luctas fatigantes e prosaicas pelo pão nosso de cada dia.

Nos tempos antigos de S. Carlos, em que em torno das cantoras se formavam partidos ardentes, que se degladiavam com furia, e ás vezes com bofetadas, n'esses tempos em que cada noite de theatro era uma noite de batalha, de batalha a serio, que não raro vinha continuar no largo de S. Carlos ás bengaladas e ao socco, o José Carlos era um dos mais enthusiastas e façanhudos guerreiros d'esses combates.

A epoca lyrica de 1839 a 1840 foi a das mais vigorosas campanhas que se tem ferido em S. Carlos, as das luctas da Barili com a Boccabadati, luctas em que José Carlos de Freitas Jacome desempenhou um dos principaes papeis.

O sr. Benevides, no seu interessante livro sobre o theatro de S. Carlos, refere-se largamente a ellas.

Cada uma das duas illustres cantoras tinha o seu partido recrutado entre a fina flor dos *leões* do tempo.

O partido da Boccabadati tinha por chefe D. Alvaro Romo, que não chegámos a conhecer; o partido da Barili era commandado pelo nosso querido José Carlos.

Os mais afamados Boccabadistas eram Paulo Midosi, o illustre advogado que ha mezes está gravemente enfermo, João de Lemos, Thomaz Oom, Luiz Forjaz, Antonio Faria Chaves, escrivão como era Freitas Jacome, Augusto d'Almeida e Domingos Ardisson, um velho muito celebre pelas suas excentricidades e bons ditos, que ha annos desappareceu no tumulo; os Barilistas capitaneados pelo José Carlos eram o conde de Lucotte, Paulo Plantier, Pinto Soveral, Dias de Carvalho e José e Gonçalo Lobo.

Cada partido tinha o seu jornal: Boccabadista a *Revista Theatral*, redigida por Faria Chaves; Barilista o *Entre-acto*, em que escrevia Freitas Jacome.

Creio que nunca artista alguma encontrou um admirador tão convicto, sobre tudo tão persistentemente enthusiastico como a Barili encontrou em Freitas Jacome.

Sobre essas luctas passaram já perto de 50 annos, e José Carlos, até morrer, conservou pela memoria da Barili o mesmo ardente enthusiasmo, a mesma religiosa veneração.

Mezes depois de sahir de Lisboa, a Barili, que ficou correspondendo-se com Freitas Jacome, dava á luz em Hespanha uma creança a quem poz o nome de Adelina, Adelina Patti, pois Barili casára logo ao sahir da nossa terra com o tenor Patti, com quem já ha tempos vivia.

José Carlos consagrou uma profunda amisade a essa pequena Adelina, que dentro de annos se tornou a *diva* celebre, que tem assombrado o mundo com os prodigios da sua garganta maravilhosa.

Freitas Jacome seguia-lhe cá de longe os seus

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA

SECÇÃO DE BELLAS ARTES

UMA OCTOGENARIA — QUADRO DE FREIRE (Dezenho do mesmo auctor)

triumphaes *successos*, correspondia-se com a famosa cantora, e penso que na sua longa vida não teve momento mais feliz do que aquelle em que viu a Patti em S. Carlos, acclamada unanimemente por um publico em delirio.

Quando a Patti acabou de cantar, Freitas Jacome foi lá dentro ao palco abraçar a famosa *diva*, e dando tambem um abraço ao sr. Valdez, de quem era muito amigo, disse-lhe com profunda e sincera convicção:

—Meu amigo, agora já posso morrer, já ouvi a Patti!

Era profunda a amisade de José Carlos por Adelina Patti, e as relações muito intimas que elle tivera com sua mãe, a Barili, a data do nascimento da celebre diva, tudo isso fez espalhar uma versão que não sabemos se é lenda, se é historia, mas versão muito em voga em Lisboa ha longos annos, e que ultimamente quando a Patti cá veio se reaccendeu, chegando a apparecer em varios jornaes mais ou menos encapotada—como por exemplo n'uma noticia da 1.ª representação da celebre diva, em que se dizia que ha sahida Freitas Jacome embrulhado na sua capa á hespanhola, ia trauteando a aria celebre da *Judia, O mia figlia diletta*—e versão que mesmo tem já chegado aos jornaes estrangeiros, pois ainda ha pouco uma folha parisiense insinuava que a Patti, se tinha vindo a Lisboa mais d'uma vez, é que tinha affeições sérias e sagradas que aqui a chamavam.

Fosse como fosse o que é certo é que Freitas Jacome era muito amigo da celebre *diva* e se irritava sériamente quando alguem alludia a essa versão. Se o quizessem ver zangado tambem, era notar-lhe defeitos na grande cantora, encontrar manchas n'esse sol.

Freitas Jacome, então, dava uma *sorte* colossal e tomaramo-nos nós n'essas noites de cavaco na redacção do *Correio da Manhã*, que elle frequentava a miudo, em que para brincar com elle deitavamos agua na fervura do enthusiasmo com que elle fallava da celebre *diva*.

Havia tambem outro assumpto em que Freitas Jacome era intransigente e em que dava por paus e por pedras quando o contrariavam, era a escola italiana de canto

Era um *italianista* a *outrance:* fóra da musica e do canto italiano para elle nada prestava; quando a Fidés Devriés teve um grande *successo* em Lisboa, quando Talazac foi applaudido em S. Carlos, quando a *Carmen*, de Bizet, teve o collossal exito que todos sabem, o Freitas Jacome ficou positivamente furioso.

Creado na escola italiana pura, passando toda a sua longa vida de *dilletanti*—porque Freitas Jacome era o mais antigo e persistente frequentador de S. Carlos—a ouvir operas e cantores italianos, reaggiu sempre contra a moderna escola franceza, contra os seus artistas e os seus maestros.

E n'essas discussões como muitas vezes se achava sem argumentos, irritava-se muito, tornava-se aggressivo, violento.

Mas na sua aggressão mesmo ás vezes insolente, havia tanta bonhomia que ninguem se podia escandalisar com elle.

Era um santo homem: zangava-se, discutia, gritava, mas não tinha rancor a ninguem, e todas as discussões acabavam no meio de gargalhadas, em bons ditos e boas historias de que elle tinha enorme reportorio.

Freitas Jacome importava-se pouco com politica: a sua politica era S. Carlos.

Entretanto havia um politico hespanhol por quem elle tinha uma veneração tambem intransigente, era o Sagasta.

Dizer-lhe mal d'elle era quasi o mesmo que dizer-lhe mal da Patti ou da escola italiana.

Alegre como um rapaz, apesar dos seus 80 annos, Freitas Jacome não procurava senão a companhia de rapazes, e sobre tudo de homens de lettras e de artistas.

Morrendo por cavaquear, quando não havia S. Carlos, Freitas Jacome passava as noites nas redacções do *Diario de Noticias* e do *Correio da Manhã*, onde não tinha senão amigos, que tiveram profundo pezar com a sua morte.

Freitas Jacome era correspondente da *Iberia* de Madrid: escreveu em muitos jornaes de Lisboa e ainda apesar de velho, mandava de vez em quando o seu folhetim para o *Diario de Noticias*, folhetins que tratavam sempre de assumptos lyricos.

Quiz a fatalidade que eu, que tanto estimava esse bom e honrado velho, lhe assistisse quasi que aos ultimos momentos e fosse o portador da triste noticia a seus filhos, a quem me prendem de ha muitos annos laços de estreita amisade.

Passava pelo caes do Sodré quando Freitas Jacome fulminado por uma congestão á esquina da rua do Alecrim, era conduzido pela policia para dentro d'um trem de praça, que o levou ao hospitál de S. José.

D'ali a nada acompanhado pelos seus filhos Carlos e Arthur via-o morto na casa do banco do hospital.

Pobre Freitas Jacome!

Uma lagrima á sua memoria querida, e um abraço aos seus inconsolaveis filhos!

A vida theatral tem continuado muito animada em Lisboa: novidades e mais novidades em todos os theatros, *successos* sobre *successos*, e havendo todas as noites publico para encher todas as casas de espectaculo.

Este anno tem corrido magnifico para os theatros; todos tem tido, com uma persistencia não muito vulgar na nossa terra, grandes receitas.

A Trindade com o *Comboyo de recreio* e o Gymnasio com o *Durand e Durand*, vêem todas as noites as suas salas cheias.

D. Maria retirou de scena as *Surprezas do divorcio*, e encontrou logo outro grande *successo* n'uma peça de genero inteiramente diverso, *O Abbade Constantino*, traduzido por Pinheiro Chagas, um delicioso drama intimo, casto, suave, que em toda a parte tem alcançado um exito enorme.

Ainda não podemos assistir á representação d'essa peça, cujo entrecho conhecemos do romance de Halevy, d'onde foi extrahido, e do desempenho da qual nos dizem maravilhas.

O theatro de S. Carlos tem-nos dado quasi todas as noites brilhantes novidades, tendo em recompensa consecutivas enchentes.

Pela sua ordem chronologica a primeira novidade d'estes dez dias foi a reapparição da cantora Pasqua, que tão saudosas e gloriosas recordações deixára entre nós.

A Pasqua debutou na *Gioconda* e teve uma grande ovação. É ainda a mesma grande e talentosa artista de que todos nos lembravamos com saudades.

Na *Gioconda*, porém, a grande surpreza foi o desempenho excepcional que deu á parte de protogonista a primadona Tetrazzini.

Depois da maravilhosa *Gioconda* da Theodorini, parecia que esse papel seria um escolho para qualquer cantora.

Pois a Tetrazzini fez d'elle um triumpho colossal.

No *duetto* do 2.º acto com a Pasqua, um *duetto* que ficará celebre nos annaes do theatro lyrico, Tetrazzini é magnifica, extraordinaria; e no ultimo acto, o grande acto da Theodorini, é positivamente assombrosa. Na valsa final conseguiu exceder a famosa artista que no anno passado tão ruidoso *successo* teve n'essa opera.

A 2.ª novidade foi a estreia do tenor Brogi com o *Propheta*.

O tenor Brogi é um bello cantor que sabe da sua arte a valer, mas a sua voz é excessivamente abarytonada.

No *Propheta* houve-se muito correctamente, mas não conseguiu nem elle nem a sr.ª Vidal, que fazia a parte de *Fidés*, dar um grande exito á opera de Meyerbeer.

A 3.ª e ultima novidade é um verdadeiro acontecimento artistico—a estreia da Van Zandt.

Van Zandt uma formosa hollandeza nascida na America, é hoje uma das estrellas de maior grandeza do mundo lyrico.

A critica franceza compara-a á Nellsson e á Patti, e effectivamente a Van Zandt é uma artista prodigiosa, não tendo a voz extraordinariamente bella da Patti, é verdade, mas tendo sobre ella a vantagem de ser muito mais completa e perfeita como comediante.

Acabámos de a ver desempenhar a *Mignon*, e apesar de termos ouvido muitas vezes esta opera cantada por artistas mais ou menos illustres, foi a primeira vez que vimos apparecer a poetica figura da heroina de Goethe no palco de S. Carlos.

Póde-se dizer affoitamente que a Van Zandt foi quem creou entre nós o papel de *Mignon*, porque foi ella quem nos revelou tudo o que havia dentro d'esse papel, o que era esse personagem que até agora parecia sempre um personagem secundario.

A Van Zandt vem dar em Lisboa 10 recitas, cantando entre outras operas a *Lakmé*, de que foi a inspiradora e a creadora maravilhosa.

É uma artista de extraordinario valor, de quem voltaremos a fallar na proxima chronica, registando hoje apenas aqui, o grande triumpho que ella alcançou na sua estreia, em que brilhantemente justificou a gloriosa reputação de que vinha precedida.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

UMA OCTOGENARIA

QUADRO DE L. FREIRE

A gravura que illustra a primeira pagina d'este numero, reproduz um dos melhores quadros que figuram na secção de bellas-artes da Exposição Industrial Portugueza, em que o seu auctor o sr. Luciano Freire, acaba de ser premiado com uma medalha de cobre.

É um pequeno quadro que reproduz uma cabeça de velha, a quem os oitenta annos imprimiram todos os signaes da decrepitude, bem fundos e caracteristicos, e que o pintor reproduziu com arte e estudo que muito o honra.

O sr. Luciano Freire é dos discipulos mais distinctos da Academia de Bellas Artes de Lisboa, e está actualmente fazendo concurso para ir estudar no estrangeiro, como pensionista do Estado.

PALACIO DO DUQUE DE AVEIRO EM BELEM

ARRAZADO NO ANNO DE 1759

A gravura que publicâmos a pag. 276, é a reproducção de uma outra gravura, em cobre, com o titulo *Vue de la Maison du Duc Aveiro de Lisbonne* e á margem direita esta declaração em inglez: *Publishd according to Acte of Parliament 1766.*

É, como se vê, um documento da ephoca, que nos vem recordar a horrorosa tragedia que teve por prologo o attentado contra a vida de D. José I, e por epilogo a cruelissima execução do duque de Aveiro e dos Tavoras, como regicidas.

A gravura a que nos referimos pertence á valiosa collecção do sr. visconde de S. Marçal, que muito obsequiosamente nos deu conhecimento d'ella e permittiu que a reproduzisse-mos no OCCIDENTE, onde se acham archivados muitos outros documentos historicos.

O palacio do duque de Aveiro, em Belem, foi arrazado para complemento da barbara sentença que mandou executar, no meio dos maiores tormentos, toda a familia dos conspiradores, lavrada em 12 de janeiro de 1759 e assignada pelos secretarios de estado, Sebastião José de Carvalho e Mello, D. Luiz da Cunha, Thomé Joaquim da Costa Côrte Real, e pelos desembargadores, Pedro Gonçalves Cordeiro Pereira—deputado da Mesa da Consciencia e Ordens, da do Paço e chanceller da Casa da Supplicação—João Pacheco Pereira—desembargador da mesa do Paço—João Marques Bacalhau—do conselho da fazenda—Manuel Ferreira de Lima—da meza da Consciencia—Ignacio Ferreira Souto—desembargador dos aggravos—e José Antonio de Oliveira Machado—da casa da Supplicação—escrivão do summario e com voto na sentença.

A parte da sentença que diz respeito ao arrasamento das propriedades dos conspiradores reza assim: ...«considerando que o mais conforme é o de desterrar, por todos os modos o nome e a recordação de tão enormes delinquentes, condemnam outrosim ao mesmo reu, não só nas penas de direito commum, para serem derribadas e picadas todas as suas armas e escudos em quaesquer logares em que se acharem postas, e as casas e edificios materiaes da sua habitação demolidos e arrasados, de sorte que d'elles não fique signal, sendo reduzidos a campos salgados....»

E assim foi executada a sentença, sendo arrasado o palacio e muros da quinta do duque de Aveiro, o que tudo era situado nos terrenos onde hoje ha o largo com o chafariz junto do convento dos Jeronymos, e as casas que se erguem desde este largo até á travessa que communica a rua Direita de Belem com a calçada do Galvão.

Foram estes terrenos salgados, para que não produzissem vegetação alguma e prohibido n'elles se edificar.

E para maior conhecimento e memoria da sentença, se mandou levantar uma columna com inscripção.

Essa columna é a que tambem reproduzimos em gravura e a inscripção, que se lê na base, é a seguinte:

AQVI FORÃO CAZAS ARAZADAS, E SALGADAS DE JOZE MASCARENHAS, EXAVTHORADO DAS HONRAS DE DVQVE DE AVEJRO, E OVTRAS E CONDEMNADO POR SENTENÇA PROFERJDA NA SVPREMA JVNTA DA JNCONFJDENCJA EM 12 DE JANEJRO DE 1759 JVSTJÇADO COMO HVM DOS CHEFES DO BARBARO E EXECRANDO DESACATO QVE NA NOJTE DE 3 DE SETEMBRO DE 1758, SE HAVJA COMMVLLADA CONTRA A REAL, E SAGRADA PESSOA DE EL REJ NOSSO SENHOR D JOZÉ E NESTE TERRENO JNFAME SENÃO PODERA EDJFJCAR EM TEMPO ALGVM

Esta columna está hoje fóra das vistas do publico, porque as edificações que se fizeram posteriormente, no reinado de D. Maria I, que mandou derrogar parte da sentença, a cercaram de modo que só de proposito se poderá vêr dentro de um pequeno pateo, junto a um muro, quasi escondida, já que até ao presente ainda não houve uma ordem superior que por sua vez tambem a mandasse arrazar.

Cabe aqui contar alguma coisa do que deu logar á sentença que mandou arrazar o palacio do duque de Aveiro, que de resto foi o menos monstruoso d'essa serie de execuções que ella ordenou.

Não é cousa hoje positivamente averiguada se o attentado commettido contra a vida de D. José I era affectivamente para elle se para o seu ministro, Sebastião José de Carvalho e Mello, depois conde de Oeiras e marquez de Pombal. Sobre isto tem havido varias controversias, mais ou menos fundamentadas, mas em que se não tem produzido provas bastantes para darem rasão aos que querem que o attentado fosse para Sebastião José de Carvalho e Mello.

Entretanto o que é certo, é que el-rei D. José I ia sendo victima d'esse attentado, ao sahir de sege, pelas 11 horas da noite do domingo 3 de setembro de 1758 da porta da real quinta do Meio, que deitava para a calçada do Galvão. Acompanhava el-rei D. José, Pedro Teixeira seu criado particular e homem de inteira confiança do monarcha, para aquellas sortidas nocturnas do palacio, a que não era extranho o amor, pois sabia-se que D. José entretinha relações amorosas com D. Thereza de Tavora e Lorena, filha do segundo conde de Alvor e esposa de Luiz Bernardo de Tavora, filho do marquez de Tavora, Francisco de Assis.

Mal a sege tinha sahido o portão da quinta, logo se desembuscaram de traz de umas arvores tres cavalleiros que, armados de bacamartes fizeram fogo sobre a trazeira da sege que foi atravessada pela grossa carga de dois dos bacamartes tendo o terceiro errado o fogo.

Os tiros fizeram largas brechas nas costas da sege, indo ferir a el-rei no braço direito e resvalando-lhe pelo peito parte da carga.

Rotorcedeu logo a sege por ordem de D. José, mandando-a bater para casa do marquez de Angeja D. Pedro José de Noronha, que morava na Junqueira, e alli lhe foi feito o primeiro curativo, recolhendo depois ao palacio real.

Os tres conjurados que tinham feito fogo foram, segundo se averiguou no processo, Antonio Alvares Ferreira, José Polycarpo de Azevedo e Manuel Alvares Ferreira que errou o fogo, todos familiares do duque de Aveiro e dos Tavoras.

No dia seguinte á noite do attentado, correu a noticia do caso, e para logo se alimentou a suspeita de quaes eram os auctores, citando-se o nome dos Tavoras e duque de Aveiro; mas contradizendo estas desconfianças, espalhou-se e dizia-se ás pessoas que iam saber da saude de El-rei, que a doença de D. José era o resultado de uma quéda que déra nas escadas do palacio.

Andava n'isto o fino espirito de Sebastião José de Carvalho e Mello, que assim pretendia desfazer a má impressão do acontecido e afastar todos os receios dos verdadeiros criminosos, para os quaes preparava o enorme castigo que depois os colheu.

De facto os animos tranquilisaram-se, e tudo fazia crer que nada de extraordinario se seguiria, tão disfarçadamente Sebastião de Carvalho se conduzia na côrte, onde o proprio marquez de Tavora se apressou em apresentar-se e a protestar a sua fidelidade a El-rei, o que Sebastião de Carvalho agradeceu em nome do soberano com a mais cordeal affabilidade. Outro tanto aconteceu ao duque de Aveiro, que pedindo licença para se ausentar para o seu palacio de Azeitão, esta lhe foi logo concedida sem a menor difficuldade.

No meio, porém, d'esta apparente tranquillidade, o ministro de D. José organisava todos os elementos do processo, e lançava em volta dos implicados no attentado, a rede em que n'um dado momento os devia prender e pôr em poder das justiças para os julgar.

Foi assim que se passaram cêrca de tres mezes, e, em 13 de dezembro se fez officialmente publico, por meio de editaes, o attentado contra a vida de el-rei, convidando o publico que quizesse ver nas cocheiras do palacio real a sege em se viam os destroços dos tiros, e mais se convidava a deporem todos que soubessem alguma cousa do attentado, promettendo se honrarias e premios aos que assim procedessem, e perdoando-se aos que se achassem implicados, contanto que não fossem os cabeças, mas que declarassem os promenores do crime.

Em outro edital prohibia-se a sahida do reino a todos os portuguezes, e até das terras em que residiam, sem provarem devidamente a sua identidade perante as auctoridades e declararem o motivo porque se ausentavam, etc.

Quando, porém, estes editaes appareciam a publico, já na madrugada d'esse mesmo dia tinham sido presos os implicados no attentado, para o que se havia procedido de modo seguro.

Uma força de cavallaria e de infanteria tinha cercado as casas do conde de Atouguia, do marquez de Tavora, de Manoel de Tavora casado com a condessa de Villa Nova, dos condes de Obidos e da Ribeira Grande, do marquez de Alorna, de D. Manuel de Souza Calhariz, do desembargador Antonio da Costa Freire, do duque de Aveiro, que estava em Azeitão, e de todos os mais parentes d'estas familias que de achavam em varios pontos do paiz. Foram tambem cercadas as casas dos jesuitas.

O marquez de Tavora, que era inspector da cavallaria, ao recolher-se a casa de madrugada, soube que a cavallaria tinha sahido dos seus quarteis sem sua ordem, e d'isto se foi logo queixar ao paço, sendo ali mesmo preso por Sebastião de Carvalho.

Principiou o ministro de D. José a pôr em pratica o plano que tinha preparado durante aquelles tres mezes que se seguiram ao attentado.

A vida dos criminosos estava na sua mão, e o castigo não se fez esperar com todos os horrores que o assignalaram.

Para o julgamento dos réus foram nomeados juizes especiaes que constituiram um novo tribunal denominado de *Inconfidencia*, por nomeação de El-rei de 9 de dezembro de 1758.

As sentenças foram secretas, sendo a primeira que exautorou os réus das honras e foros fidalgos, proferida em 11 de janeiro de 1759; a segunda, que declarava a causa do castigo, em 12 do mesmo mez; e a terceira de desnaturalisação dos condemnados, no dia 13, dia em que tiveram logar as execuções no Caes de Belem.

Abstemo nos de descrever as particularidades dos supplicios que foram infligidos aos condemnados, não só porque são bem conhecidas do publico, em geral, mas porque repugna descrever taes horrores que só serviram para que a memoria dos padecentes ficasse bem viva na memoria do povo, quando o espirito da sentença era o extinguir completamente a memoria dos criminosos com a sua total destruição.

Os executados foram D. Leonor de Tavora, que foi decapitada depois de lhe terem mostrado os instrumentos do supplicio e de lhes terem descripto a fórma porque ia ser executada; seguiu-se José Maria de Tavora, que foi garrotado tendo-lhe primeiro partido os ossos das pernas e dos braços; depois Luiz Bernardo de Tavora, que soffreu a mesma morte que o precedente; D. Jeronymo de Athayde, conde de Atouguia, teve a mesma morte que os dois ultimos; Manuel Alvares Ferreira, do mesmo modo; assim como Braz José Romeiro e João Miguel.

A estas execuções seguiram-se as de Francisco de Assis, marquez de Tavora e D. José de Mascarenhas, duque de Aveiro. Para estes levantaram-se no cadafalso dois postes mais altos. Primeiro foi Francisco de Assis, a quem foram partidos os ossos com fortes pancadas de uma massa de ferro sendo por fim decepada a cabeça, e o duque de Aveiro soffreu eguaes torturas antes que lhe acabassem a vida.

O ultimo foi Antonio Alvares Ferreira o qual, junto com a estatua de José Polycarpo de Azevedo, que não foi possivel encontrar, apesar das muitas diligencias que se fizeram, foi mosqueado de breu e lhe pozeram ao pescoço um sacco com pez e enxofre, largando fogo á lenha que tinha por baixo, foi queimado lentamente, porque o vento que soprava arredava para longe d'elle o fumo que de contrario o suffocaria, devendo o desgraçado morrer no meio das mais cruciantes dores.

Todos estes supliciados não se sabe ainda o grau de responsabilidade que lhe cabia no attentado.

O dia que se seguiu a esta horrivel carnificina, foi festejado na côrte, dando El-rei beijamão, e a esta festa se seguiram outras demonstrações de regosijo, pelo castigo dos culpados, e por El-rei se ter salvo do inaudito attentado.

Seis mezes depois, Sebastião José de Carvalho e Mello era agraciado com o titulo de Conde de Oeiras.

No reinado de D. Maria I, foram derrogadas, na parte em que o poderam ser, estas sentenças, e o mais extraordinario é que as derrogaram os proprios ministros que as tinham assignado!

Que lições nos dá a historia!

CHALET DO SR. CONDE DA PENHA LONGA, EM CASCAES

Ha poucos annos a esta parte intruduziu-se no nosso paiz o uso dos *chalets*, ligeiras construcções, tão leves quanto elegantes, que se tem generalisado, principalmente nos arredores de Lisboa, para habitação das familias que, no estio procuram viver no campo, como em uma atmosphera mais salutar que a da capital.

Para este fim parte da aristocracia portugueza e familias abastadas tem mandado edificar *chalets* em Cintra, Collares, Algés, Bemfica, Campo Grande, Cascaes e outros pontos proximos de Lisboa, e entre estas elegantes construcções, encontramos o *chalet* do sr. conde da Penha Longa, em Cascaes, uma habitação explendida, de bom gosto e de excellentes commodidades, muito bem situada para lá se viver durante a estação calmosa.

Ergue-se esta deliciosa vivenda no sitio denominado Santa Martha, por ali ter existido em tempo uma capella com esta invocação, logo a cima da cidadella de Cascaes, no caminho para a *Bocca do Inferno*, ponto bem conhecido de quantos visitam Cascaes, e que vão alli vêr aquella singular gruta cavada entre os rochedos da costa, e onde as vagas do oceano entram e sahem serpentiando ruidosamente por entre os cachopos da *Bocca do Inferno*.

Na gravura que publicamos, reproducção de um bello desenho do sr. José Pardal, collaborador artistico do OCCIDENTE, vê-se além do *chalet* do sr. conde da Penha Longa, o pharol de Santa Martha de construcção moderna.

O *chalet* e suas dependencias e parque que lhes pertence, foi construido no sitio onde existiu o palacio dos senhores de Cascaes, que eram os Castros, o qual foi distruido pelo terremoto de 1755, e cêrca do convento dos carmelitas, que o sr. conde da Penha Longa comprou.

O sr. conde da Penha Longa offereceu este *chalet*, para o habitar na epoca balnear, a Sua Alteza o principe D. Carlos, o que Sua Alteza acceitou e alli tem passado os mezes de agosto a outubro, com sua esposa a princeza Amelia.

O local não póde ser melhor para d'elle se desfructar todo o grande espectaculo que o oceano offerece, quer nas suas horas de serena bonança, ou quando se agita em furiosa tormenta, e as ondas se elevam indomaveis e arremettem de encontro á costa com estrondoso fragor.

FRANCISCO MARIA DE BARROS E VASCONCELLOS DA CRUZ SOBRAL

Quando ha cinco annos uma terrivel epedemia de typhos assolou a Villa de Manteigas, uma pobre villa escassa de recursos, encravada entre as montanhas da serra da Estrella e na margem esquerda do rio Zezere, essa epedemia levou a morte a familias inteiras, victimou grande parte da população, obrigando outra parte a fugir d'aquelle foco mortifero que a todos horrorisava, e a villa de Manteigas chegou a um estado de desolação difficil de descrever, pois a morte, o panico e a miseria dominavam em toda ella, e os escassos recursos de que podia dispor estavam exhaustos.

Dos dois medicos que haviam na terra, um tinha sido levado para o tumulo na voragem do terrivel mal, e outro jazia enfermo na cama atacado tambem pela epedemia. Os medicamentos tinham-se esgotado, e difficilmente se encontrava alguem que cuidasse dos doentes, que aos dois e aos tres se juntavam nas mesmas camas e n'ellas morriam quasi ao desamparo.

Foi n'esta triste situação que appareceu um homem dedicado, cheio da mais santa abnegação, em soccorro do desgraçado povo de Manteigas.

Esse homem foi Francisco Maria de Barros e Vasconcellos da Cruz Sobral, cirurgião-mór do regimento de infanteria 12 estacionado na Guarda, o qual se offereceu expontanea e desinteressadamente para ir prestar os seus serviços medicos em Manteigas.

É este benemerito humanitario de que hoje temos a registrar nas columnas do Occidente a sua morte prematura, que o lançou no tumulo aos 43 annos de idade, levando o lucto ao seio da sua familia, aos seus numerosos amigos e aos povos de todo o districto da Guarda, onde todos o estimavam, o idolatravam, como a um verdadeiro humanitario, incansavel na pratica do bem, que lhes dispensava todos os beneficios da sua sciencia e todos os thesouros da sua inesgotavel caridade.

Os relevantes e humanitarios serviços prestados por Cruz Sobral, não se limitaram á villa de Manteigas durante a horrivel epedemia que a invadiu, estenderam-se a todo o districto da Guarda, onde elle exerceu a sua clinica com a maior solicitude e desinteresse, já pouco visto nos tempos que vão correndo.

É por isto que a noticia da sua morte produziu a mais dolorosa impressão em todo aquelle povo, e os jornaes da localidade publicaram noticias repassadas do maior sentimento, lamentando a muito nobre ordem da Torre e Espada do valor lealdade e merito, em decreto de 5 de abril de 1883. Por decreto de 10 de maio de 1886 foi agraciado com o grau de cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz, e tinha a medalha militar de prata correspondente ao comportamento exemplar.

A morte d'este benemerito teve logar no dia 3 do corrente, sendo encontrado de manhã no seu quarto em estado moribundo.

Foi logo conduzido ao hospital militar da Guarda, onde os medicos srs. Costa, Lopo e Secadura empregaram todos os recursos da sciencia para salvarem o seu desgraçado collega, foram, porém, inuteis todos os esforços, e Cruz Sobral succumbiu aos effeitos, segundo parece, de uma congestão cerebral.

O seu sahimento deu logar ás maiores manifestações de dôr de todo o povo da Guarda, que todo correu a prestar-lhe as ultimas homenagens do seu reconhecimento e pezar.

Á memoria do benemerito medico vae levantar-se na cidade da Guarda um monumento, para mia o peito, abysmava o espirito na comtemplação da grande adversidade do terremoto de 20 de março de 1861.

Bastante tempo decorrera, e comtudo sentia-se o coração anniquilado ao relancear a vista por aquelles tristes despojos que mostravam a formidavel e cega força da natureza posta em acção pelas leis physicas e não por um capricho do Jehovah terrivel e vingador. Se alguma cousa havia n'aquella espantosa commoção das entranhas da terra que pudesse revelar uma vontade suprema, não era o que desabára, mas o que ficára de pé: no meio de todos aquelles miudos fragmentos de edificios de taipa e de adobes, e das moles das construcções solidas de tijolos, a um canto da praça principal via-se de pé um tabique sem nenhum apoio, separado completamente, no seu comprimento de doze metros, dos edificios que o ladeavam, e que foram derribados. Como, porque se conservava de pé aquelle pedaço de parede tão delgada, tão fraca? era a pergunta que todos faziam cheios de admiração... Alguem respondia

PALACIO DO DUQUE DE AVEIRO, EM BELEM, ARRAZADO EM 1759 (Segundo uma gravura da época)

perda de Cruz Sobral e fazendo o elogio dos seus serviços humanitarios, que difficilmente poderão ser egualados e muito menos excedidos.

Cruz Sobral, filho do general de divisão reformado, Francisco Maria Melchiades da Cruz Sobral, tinha apenas 43 annos de idade, como já dissemos, pois nasceu no Porto em 1845, e tendo-se dedicado á carreira medica foi um dos estudantes mais laureados da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa.

Entrou para o exercito em 1868 como cirurgião ajudante do regimento de caçadores 4, passando depois para o de infanteria 12, sendo promovido a cirurgião mór do mesmo regimento em 1883.

Dotado de um coração bom e generoso não mercadejou a sua sciencia, e tanto o rico como o pobre encontravam n'elle a mesma dedicação e solicitude quando recorriam aos seus serviços medicos.

Com os pobres ia mesmo alem do que se podia esperar de um medico caridoso, porque não só os tratava sem remoneração, mas a muitos soccorria ainda com dinheiro e medicamentos.

Por occasião da epedemia de Manteigas, o governo recompensou os seus valorosos e humanitarios serviços com o grau de cavalleiro da o que já se acha formada uma commissão composta dos mais respeitaveis cavalheiros da localidade, a qual vae abrir subscripção publica, em que estes foram os primeiros a subscreverem.

Que a subscripção seja coroada de bom resultado, e que o monumento se levante é o que estimamos, para honra do povo da Guarda a quem tantos serviços desinteressados prestou o illustre morto.

O TERREMOTO DE MENDOZA

Quando a visitamos, mal começava a renascer das cinzas. A antiga cidade jazia como um esqueleto desmembrado na extensão que antes occupava, de dezenove quadras de norte a sul e sete de largura. Os edificios reduzidos a moleculas, os templos convertidos em moles informes de tijolos dispersos onde se erguia a abobada que retumbava com os canticos sagrados, as largas ruas apenas delineadas por duas filas parallelas de escombros, aquelle conjuncto de ruinas entre as quaes alvejavam a trechos as caveiras, opprisimplesmente: «Contra aquella perede foram fusilados tres innocentes!...»

Nenhum dos symptomas precursores dos cataclysmos semelhantes ao que sepultou Pompeia aos pés do Vesuvio, precedera a ruina de Mendoza. No dia anterior á catastrophe, um grande meteoro azul e vermelho atravessára o espaço de oriente para occidente. Mas esta luz não rasgára as trevas do destino aos que na noite do seu infortunio oravam no templo, discorriam pelas ruas, praticavam amigavelmente ou comtemplavam a lua que devia alumiar um momento depois o tumulo de doze mil cadaveres.

O seio da terra inchou subitamente, e esta levantando-se como uma onda immensa sacudiu do lombo a cidade.

Parece que o vulcão productor da catastrophe, cuja existencia fôra annunciada pelo geologo Bravard, occupava o centro de Mendoza, pois nada soffreram as aldeias das immediações.

É impossivel pintar o espantoso quadro que a cidade apresentou n'aquelles momentos. Tremeu a terra e tudo cahiu. As mãos dos amigos que se cumprimentavam em tão supremo instante ficaram enlaçadas debaixo das ruinas: só a decomposição cadaverica apagou o sorriso que se

desenhava na face da donzella jovial que sonhava amores sobre o vulcão de Mendoza.

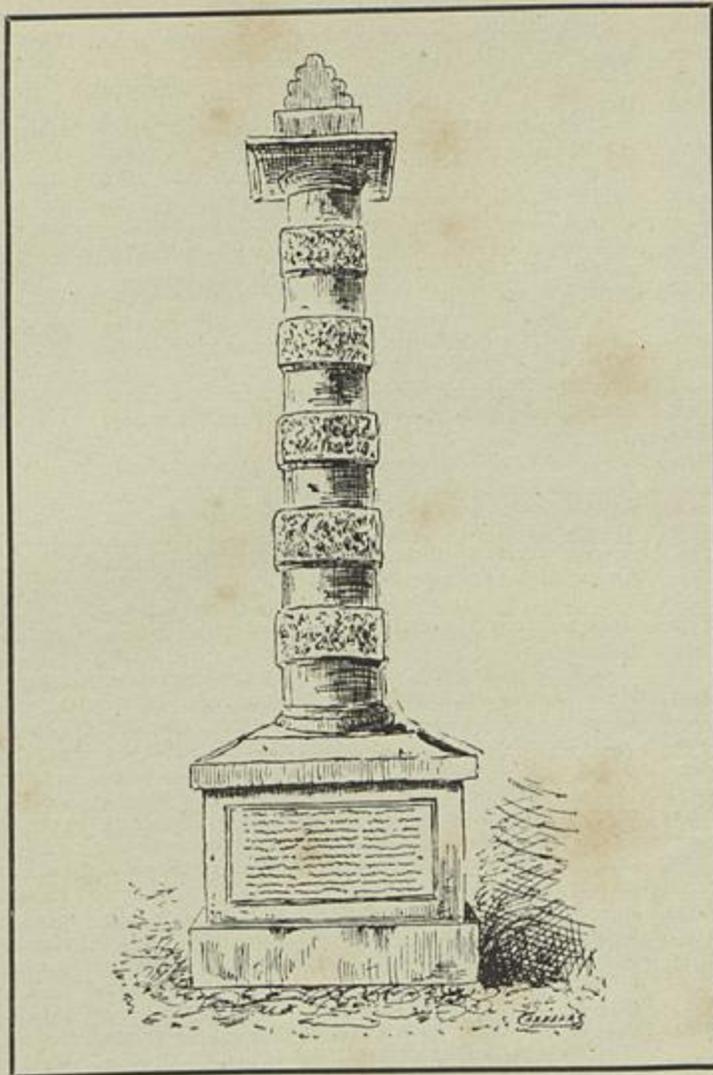
Uma espessa nuvem de pó obscureceu a atmosphera por alguns minutos, em que reinou um silencio sepulcral. Passada a primeira surpresa do bruto e do homem, e até da propria natureza, ouviu-se um grito de espanto lançado por todos os animaes, e o ai! tremendo da desesperação dos que agitavam os braços despedaçados por entre os escombros que lhes cobriam os corpos. Os que, mais felizes ou mais desgraçados, escaparam da morte, corriam desorientados á procura das suas casas, enterradas pelas torres dos templos ou sepultadas pelas massiças paredes dos conventos.

Dois bons padres, anjos tutelares da desgraça, absolviam as almas dos que morriam e desenterravam os corpos dos que jaziam debaixo das ruinas palpitantes.

Um incendio, produzido pelos candieiros, veiu augmentar a desolação e o espanto n'aquella noite de horrores, em que os vivos foram sepultados e os mortos sahiram dos tumulos, abertos pelo espantoso abalo cujas vibrações se extenderam até as margens do Atlantico e do Pacifico.

Mendoza não é Pompeia nem Herculano: é simplesmente a sepultura de milhares de creaturas. O viajante não encontrará nas suas ruinas os traços do esplendor da arte, mas o homem sensivel achará n'ellas os vestigios de uma grande calamidade.

Tudo o que é grande, chame-se civilização, barbarie, arte, decadencia, prazer ou dôr, é digno da admiração do homem.

Francisco de Almeida.

MEMORIA DO CHAO SALGADO, EM BELEM

Vidè artigo Palacio do Duque de Aveiro, etc.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

X

—É; meia noite é rasoavel... É tambem a minha hora..., disse o sr. Pereira.

—Ah! tambem se costuma deitar á meia noite! insistiu o Leitão triumphante. Pois hoje ha de estranhar... á meia noite é que o senhor já se não deita.... A sineta já tocou.

—Uma noite não são noites, tornou amavel o Pereira.

—Mas não faça ceremonias, meu amigo: não sáia dos seus habitos por nossa causa.

—Não faz mal..

—Faz, faz, faz muito mal sempre uma pessoa sahir dos seus habitos...

—Uma vez não são vezes... persistiu delicado o Pereira.

—Não senhor, não quero isso de modo nenhum... Não esteja com incommodos, tornou o Leitão.

—Schiu! Schiu! gritaram de todos os lados impondo silencio a este dialogo que, começado em voz baixa, se ia animando, degenerando em altercação berrada e interrompendo a descripção do incendio que o Dominguinhos continuava a declamar com uma tenacidade heroica, atravez de todos os contratempos.

E muito contrariado o Leitão, não teve remedio senão callar-se e esperar que o rapaz acabasse de impingir aquella massada.

Mas tinha que esperar ainda.

A descripção do incendio estava para durar.

E o Dominguinhos completamente senhor de si e do assumpto, continuava por ali fóra com voz plangente e cantada a descripção que lhe valêra louvor no exame do Lyceu.

CHALET DO SR. CONDE DA PENHA LONGA, EM CASCAES (Desenho do natural pelo artista amador sr. José Pardal)

—«O quadro era grandioso e vermelho, declamava elle com muitos gestos e entoação cava.

«O ceu, momentos antes negro d'azeviche, estava agora todo ensanguentado como se no seio pardacento das nuvens mão ignota tivesse derramado uma pipa de azarcão.

«Os rolos de fumo erguiam-se como nuvens terrestres para o palacio do Altissimo; as bombas atravessavam as ruas da cidade sem temor da agua que cahia das cataratas do ceu, cheias da agua que jorrava das fontes para com ellas combaterem o sinistro elemento—o fogo!

«E então começou o grande trabalho improbro da lucta com o incendio.

«O fogo,—mysterioso elemento—do mesmo modo que apura o ouro, apura tambem o bombeiro ousado.

«A escada Fernandes emergia da escuridão da noite por entre o clarão dos archotes, eriçando para o firmamento os seus degraus humanitarios.

«Os echos da noite, ha pouco tão silenciosos, repercutiam agora o ruido epico de centenares de vozes commandando as manobras incendicidas, dos passos surdos dos aguadeiros briosos, dos gritos afflictos da humanidade em chammas clamando:

—«Agua! Agua!»

—Bravo! Bravo! disse a menina Ignacinha, esquecendo-se do seu amuo, arrastada pela eloquencia do seu namorado.

—Bravo! Bravo! repetiram varias vozes.

—Acabou-se, hein? disse o Leitão, pondo-se em pé, muito contente.

—Não se acabou, ind'agora vae no meio! gritou enfadada a D. Ephigenia.

—No meio! Ah! pensava... balbuciou espavorido o Leitão, deixando-se cair pallido e desanimado na sua cadeira.

Entretanto o Dominguinhos, muito sensivel ao applauso da Ignacinha, voltava-se para ella dizendo no mesmo tom declamatorio da descripção:

—Muito obrigado!

—Continua, Dominguinhos, disse-lhe a mãe.

—Sim, resmungou o Leitão, vamos a ver se acaba com isso.

—Onde estava eu?... perguntou o orador.

—Estavas na Agua!

—Exactamente.«Agua! Agua! tal era o grito que acordava os echos.

«E os bombeiros davam á bomba, e as bombas esguichavam, e a agua passava sobre o fogo, e os honrados e prestantes tuyenses corriam de barril ao hombro do chafariz para a bomba, da bomba para o chafariz, e tão depressa enchiam os barris tão depressa os despejavam, e corriam, e andavam, e subiam escadas, e trepavam ás janellas, e pegavam nos archotes quaes archanjos redemptores empunhando o archote da civilisação, que apagando os incendios, illumina todo o mundo moderno.»

—Bravo! Bravo! interrompeu de novo a menina Ignacinha, não se podendo conter mais.

—É muito bonito! disse a esposa do sr. Leitão á mãe do Dominguinhos; nunca imaginei que elle fosse tão bem fallante.

—Bem vê, minha senhora, observou o Pereira cheio de orgulho paterno, que não se dá assim um louvor no lyceu sem mais nem mais... E então o padre Amado, olha quem!

—E não se pega, nem nada, reparaste, Leitão?

—É verdade! É muito bonito.

—Descreve muito bem tudo, insistiu o Pereira; não digo isto por elle ser meu filho; mas elle estar a fallar e a gente estar a ver as chammas, as bombas, o fumo...

—Exactamente, emendou o Leitão, a gente está a ver a agua, está a ver o gallego...

—«De repente, cobrindo todo esse ruido, continuou o Dominguinhos, dominando todos esses sons humanos, afflictivos e salvadores, ouve-se um tanger bronzeo e dolorido, que espalha na atmosphera negra uma nota metallica de desolação:—é o sino da sé...

—É a sineta do passeio! exclamou triumphante a menina Ignacinha, erguendo-se como se lhe tocassem n'uma mola ao ouvir a sineta do passeio publico dar o seu terceiro toque de sahida, demorando e repetindo muito as ultimas badaladas.

—É a sineta do passeio?... perguntou envergonhado, vencido, o sr. Leitão.

—É o sino da sé, repetiu com voz cava o Dominguinhos, querendo atravessar com o seu discurso por aquella nova discussão que se mettia a embaraçar-lhe o caminho.

—É a sineta! É a sineta! repetiu a menina Ignacinha. Então o que dizia eu! Toca tres vezes.

—Então sr. Leitão, toca tres ou uma? perguntou a menina Alice.

—É verdade, sr. Leitão, toca uma ou tres? interrompeu motejando com ar victorioso o Quim Barradas, espicaçado pela Alicesinha.

—Pois é hoje por excepção, confessou o Leitão corrido; mas o costume é em dias de fogo ser só uma.

—Só se é por ser os annos da Ignacinha, lembrou, troçando, a Alice.

—Os annos de minha filha não se festejam a toque de sineta! reprehendeu azeda a esposa Leitão.

—«É o sino da sé! continuou a badalar o Dominguinhos com a mesma insistencia de orador tenaz.

Mas com o sino da sé foi menos feliz do que com o «Amo a tempestade!»

A mãe da Alice pegou-se com a sr.ª Leitão, por causa do tom em que ella apreciára as palavras de sua filha.

A Dona Ephigenia muito contrariada com as interrupções que tanto a miudo cortavam o discurso do Dominguinhos, mettia-se na discussão das duas, procurando deitar agua na fervura e desembaraçar o caminho para seu filho proseguir.

O Leitão, fulo com a Ignacinha, vingava-se da sua derrota procurando utilisar-se d'essa ultima campainhada da sineta do passeio e dizendo em voz muito alta:

—Mas então se tocou tres vezes já a meia noite lá vae ha que tempos.

—Nada, ainda lhe faltam dez minutos, emendava o Pereira, pachorrentamante consultando o relogio.

—Não póde ser, isso está muito atrazado. Hade ser quasi uma hora... Pouco lhe ha de faltar.

Entretanto o *dize tu direi eu* das mães da Alice e da Ignacinha azedava se cada vez.

D'um lado e d'outro trocavam-se já phrases muito mal creadas, quasi insultuosas, e a D. Ephigenia, perdendo de todo as esperanças de as acalmar, ordenava a seu filho, que continuava no *sino da sé:*

—Deixa o sino, e vamo-nos embora. Isto não é para esta gente.

Mas o Dominguinhos parecia pouco disposto a abandonar o discurso, e gritava cada vez mais.

—É o sino da sé a annunciar á cidade adormecida o incendio que consumia um dos seus predios sito nos arruamentos da baixa.»

E todas estas vozes faziam na sala uma engrezia terrivel, uma balburdia medonha a que se misturavam as gargalhadas estridentes das meninas que não tomavam parte nas varias discussões e troçavam francamente d'aquillo tudo.

—Vamos embora, já te disse, não ouves Dominguinhos? gritava irada a D. Ephigenia.

E o Dominguinhos, impassivel, continuava:

—E na manhã seguinte, quando o sol dourou as ameias do castello de S. Jorge, o citado predio tinha desapparecido, e a população matutina absorta contemplava no seu logar—um montão de horrores e um grupo d'aguadeiros!»

Mas não poude continuar: quatro mãos possantes agarravam-n'o violentamente, e tiravam-n'o á força da cadeira oratoria em que elle se entrincheirára.

Duas d'essas mãos eram da D. Ephigenia, furiosa por não ser obedecida: as duas outras pertenciam ao sr. Leitão, que ouvindo a phrase «Vamo-nos embora» porque ha tanto tempo almejava, corrêra logo em auxilio das boas intenções maternaes da esposa do sr. Pereira.

—É o melhor, é, o melhor é irem-se embora, aconselhou elle muito risonho; o seu incendio é muito bonito, mas o melhor é deixal-o para outro dia, hoje é já muito tarde.

—Mas eu estava prestes a concluir, disse o Dominguinhos pouco convencido ainda e com vontade de voltar para a cadeira.

—Pois sim estava prestes, mas n'outro dia estará prestes tambem, e estará prestes mais cedo.

—Ó Pereira! vamo-nos embora, disse a D. Ephigenia para o marido.

O Pereira porém estava tambem embrenhado já n'uma das muitas discussões parciaes que se tinham levantado na sala e não ouvia sua mulher.

O Leitão correu primeiro a elle.

—Ó amigo Pereira, olhe sua esposa que está a chamal-o.

—Tem muita razão, gritava o Pereira ao seu interlocutor, sem ouvir o que lhe dizia o Leitão, aquillo que a pequena disse é um atrevimento.

—Olhe que sua senhora está-lhe a dizer uma coisa, não sei o que é.

—Aquillo é um atrevimento, continuava o Pereira indignado, e se ella fosse minha filha eu lh'o diria.

—Não sei o que é mas é coisa urgente, continuava o Leitão, puchando pelas abas da sobre casaca do Pereira como se estivesse a tocar a rebate.

Mas n'isto toda a algazarra que havia na sala foi dominada por uns gritos estridentes e muito agudos.

Era a mãe da menina Alice que offendida por uma phrase qualquer da dona da casa, cahia sobre o sophá com um ataque de nervos.

Correram todos a vêr o que era: formaram-se partidos: a sr.ª Leitão, muito branca, gesticulava desculpando-se, procurando evidenciar que não tinha culpa nenhuma n'aquillo, e cada qual fazia o seu commentario.

O Leitão tambem fazia o seu.

—Agora o que faltava era isto! Qual é a sr.ª que se presa, que se lembra de desmaiar na casa alheia á meia noite e tres quartos!

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

O ESCARAVELHO DE OURO

CONTO DE EDGAR POE

(Continuado do n.º 354)

Acompanhei o meu amigo de má vontade. Ás quatro horas puzemo-nos a caminho, eu, Legrand, Jupiter e o cão. Jupiter, agarrando na fouce e nas enxadas, insistiu em encarregar-se d'ellas, mais, segundo me pareceu, pelo receio de deixar qualquer d'estes instrumentos na mão de seu amo do que por excesso de zelo e complacencia. Estava deveras encanzinado, e as palavras *maldicto escaravelho* foram as unicas que lhe sahiram dos labios durante a jornada. Eu, por minha parte, carregava com duas lanternas de furta-fogo, ao passo que Legrand se contentára com o *scarabaeus*, que levava atado na ponta de um barbante e o fazia girar á roda de si, caminhando com uns modos de magico. Quando observei este symptoma seguro de demencia no meu pobre amigo, mal pude conter as lagrimas. Pensei com tudo que o melhor seria não o contrariar, na occasião pelo menos, e aguardar momento em que pudesse adoptar algumas medidas energicas que déssem bom resultado. Debalde intentei sondar-lhe o pensamento ácerca da expedição. Conseguira convencer-me a acompanhal-o, e parecia pouco disposto a entrar em conversação sobre cousas de pouca importancia. A todas as minhas perguntas apenas se dignava responder: «Veremos.»

Atravessámos em canoa a enseada pela ponta da ilha, e trepando pelos montanhosos terrenos da margem opposta, dirigimo-nos para nordeste, através de uma região deserta e triste, onde se não viam vestigios de pés humanos. Legrand caminhava resoluto, parando só por instantes de tempos a tempos para consultar certos signaes que parecia ter elle mesmo deixado em alguma excursão anterior.

Andámos assim cêrca de duas horas, e no momento justamente em que o sol se occultava entrámos n'uma região muito mais sinistra que tudo que até então viramos. Era uma especie de socalco perto do cume de uma montanha quasi inaccessivel, coberta de matto até o cimo e semeada de enormes penhascos que pareciam estar separados do solo e muitos dos quaes seriam infallivelmente precipitados nos valles se não fossem as arvores que os sustinham. Profundos barrancos em varias direcções davam á scena um caracter de solemnidade mais lugubre.

A plataforma natural aonde haviamos trepado estava tão coberta de sarças, que só usando da fouce poderiamos avançar. Jupiter, seguindo as instrucções do amo, começou a abrir um caminho que nos conduziu ao pé de um enorme tulipeiro que se erguia junto de oito ou dez carvalhos, sobresahindo a todos elles, e a todas as arvores que eu vira até então, pela belleza da fórma e da folhagem, pelo desenvolvimento dos ramos e pela majestade geral do seu aspecto. Chegados que fomos a esta arvore, voltou-se Legrand para Jupiter e perguntou-lhe se era capaz de subir a ella. O pobre velho pareceu ficar um pouco atrapalhado com a pergunta, e esteve alguns momentos sem responder. Emtanto foi-se approximando do enorme tronco, andou vagarosamente á roda d'elle e observou-o com toda a attenção. Terminando o exame, disse simplesmente:

«Sim, senhor; Jupiter nunca viu na sua vida uma arvore onde se não possa subir.

«Então tracta de subir quanto antes, porque d'aqui a pouco não haverá claridade para vermos o que temos que fazer.

«Até onde devo subir, senhor moço? perguntou Jupiter.

«Vai trepando pelo tronco e depois te direi que direcção deverás seguir. Espera! leva este escaravelho comtigo.

«O escaravelho, senhor moço! o escaravelho de ouro! exclamou o preto, retrocedendo horrorisado: para que serve levar o escaravelho lá acima da arvore? Os diabos me levem se eu faço isso?

«Com que então, Jupiter, um pretalhão como tu, tem medo de tocar n'um escaravelhozinho morto e inoffensivo!... pega-lhe pelo cordel; se o não levas de um ou de outro modo, ver-me-hei na dura necessidade de te abrir a cabeça com esta enxada.

«Valha-me Deus, senhor moço! disse Jupiter, evidentemente obrigado a acquiescer pela vergonha; sempre em guerra com o pobre preto. Eu estava a brincar. Tenho lá medo do escaravelho! Que mal me póde elle fazer?

E pegando cautelosamente na ponta do cordel, conservando o insecto distante do corpo quanto possivel, preparou-se para subir á arvore.

Nos seus primeiros tempos o tulipeiro ou *liriodendron tulipiferum*, a mais bella arvore florestal da America, apresenta um tronco singularmente lizo que muitas vezes se eleva a grande altura sem ramos lateraes; mas, na maturidade, a casca torna-se rugosa e desegual e rebentam do tronco muitas pernadas curtas. Assim a subida no caso presente era mais difficil na apparencia que na realidade. Agarrando-se o melhor que pôde com braços e pernas ao enorme cylindro, deitando as mãos a uns ramos, apoiando os pés descalços n'outros, depois de se ter visto ameaçado de cahir uma ou duas vezes, alcançou emfim a primeira grande bifurcação da arvore, e pareceu ver d'alli como virtualmente realizado o seu commettimento. De facto o *risco* principal da empreza desapparecera, não obstante achar-se o trepador a sessenta ou setenta pés do solo.

«Para onde hei de ir agora, senhor moço? perguntou elle.

«Segue o ramo maior—d'este lado, disse Legrand.

O preto obedeceu logo e apparentemente sem grande custo; subiu, subiu, até que desappareceu na espessura da folhagem. Ouviu-se então como uma voz ao longe:

«É preciso subir mais?

«Em que altura estás? perguntou Legrand.

«Estou tão alto, respondeu o preto, que posso ver o céo através do topo da arvore.

«Não penses agora no céo e attende ao que vou dizer-te. Olha pelo tronco abaixo e conta os ramos que estão d'este lado. Quantos ramos passaste?

«Um, dois, tres, quatro, cinco: passei cinco ramos grandes d'este lado, senhor moço.

«Então sobe mais um.

Passados alguns momentos ouviu-se de novo a voz, annunciando que chegára ao setimo ramo.

«Agora, Jupiter, gritou Legrand, deveras agitado, quero que vás por esse ramo fóra o mais longe que puderes. Se vires alguma cousa extraordinaria, avisa-me.

N'este momento desappareceram completamente todas as duvidas que eu conservava ácerca da loucura do meu pobre amigo. Conclui que estava atacado de alienação mental, e que era preciso a todo o transe leval-o para casa.

(Continúa). *Francisco de Almeida.*

RESENHA NOTICIOSA

Banquete em Berlim. Realisou-se na capital do imperio allemão o banquete offerecido pelos delegados portuguezes aos seguintes cavalheiros: marquez de Penafiel, nosso ministro junto á côrte de Berlim, consul e vice-consul de Portugal, e a todos os membros da commissão executiva da Exposição de vinhos portuguezes em Berlim; foram tambem convidados alguns membros da imprensa e alto commercio. A salla achava-se elegantemente adornada com arbustos e festões de verdura. Das paredes lateraes pendiam vistosos tropheus com as bandeiras de Portugal e da Allemanha. Sobre plinthos ornamentados de era viam-se os bustos de el-rei D. Luiz I e do imperador Guilherme. Uma orchestra de doze professores tocava em outra salla proxima. Quando os convidados deram ingresso no sallão do banquete, a orchestra tocou o hymno de el-rei D. Luiz que foi ouvido de pé. O primeiro brinde foi levantado pelo ministro de Portugal a sua magestade o imperador, tocando-se o hymno allemão que foi acompanhado pelos commensaes, cantando. Seguiu-se brindando o dr. Iannasch ao rei de Portugal, e referindo-se á nossa historia retrospectiva memorou os nossos fastos gloriosos e o engrandecimento actual do nosso paiz. Levantou-se o sr. tenente-coronel Gerardo Pery que n'um eloquente e conceituoso brinde ao presidente da commissão da Exposição, dr. Iannasch, que tanto concorreu para o bom exito d'ella, e ao povo allemão que tanto interesse por ella tem mostrado; fez um rapido mas brilhante esboço da historia d'esta Exposição, expondo a ideia que a ella presidiu, a maneira digna e patriotica como os expositores portuguezes responderam ao appello para enviarem os seus vinhos, ao pensamento que o governo portuguez tinha já ha muito de promover exposições praticas em varias cidades da Europa, e aos esforços que o mesmo governo empregava ainda a fim de melhorar o fabrico de muitos productos agricolas. O discurso do sr. Pery de um alto valor pratico, teve um grande successo de applausos, já pela despretensão da fórma, já pela verdade que resumbrava de todas as suas affirmações. O sr. Eiseman, consul de Portugal, n'um bello improviso, quente de enthusiasmo, citou as bellezas de Lisboa, a rainha do Oceano, e lembrou a saudade que os delegados portuguezes já deviam sentir das suas familias e do bello sol peninsular;—terminou brindando aos portuguezes presentes fazendo votos por seu feliz regresso. O sr. visconde de Villar d'Allen, em eloquentes palavras, poz em relevo os grandes beneficios que podem resultar para Portugal e para a Allemanha, d'esta exposição de vinhos portuguezes, e brindou pelo commercio allemão. O dr. Iannasch, presidente da commissão, agradecendo as palavras que lhe foram dirigidas pelo sr. Gerardo Pery, brindou pelos srs. presidente e membros da commissão central de Lisboa, conselheiro Emygdio Navarro e Elvino de Brito e por todos os delegados portuguezes. O sr. Gellert leu uma inspirada poesia, saudando Portugal. O sr. visconde de Villarinho brindou pela imprensa allemã. O sr. Tellin pela prosperidade do commercio entre os dois paizes. O sr. Carlos Campos saudou n'um enthusiastico brinde a marinha do imperio allemão que ali se achava dignamente representada pelo sr. capitão Eurhenkrosk, membro do almirantado. Durante o jantar serviu-se o seguinte *menú* com os seguintes vinhos: *Huitres*, Bucellas branco 1887, Minho branco 1887; *Potage—Bisque d'écrevisse*, Madeira 1850; *Consommé aux perles de Japon*, Ribatejo 1887; *Petits bouchées à la reine Maria Pia*, Lamego mousseux nature, Douro claret 1886, Bucellas rouge 1887; *Turbot à la diplomate*, Alemtejo blanc 1885, Douro blanc 1876; *Roast beef; Jambon de York—sance madère garni à la printanière*, Collares 1887, Beira; *Punch a la Portugaise; Becasses flanquées de cailles*, Douro claret 1878; *Sallade—compôte*, Mousseme Burgheff's extra curèe; *Asperges. Sance hollandaise*, Porto 1851, Malvasia Douro 1851; *Bouquets de glace*, Porto 1805, 1815, 1820, 1826, 1834, Malvasia Douro 1882, Moscatel Setubal 1882, Moscatel Douro; Liqueurs, Cognac—Setubal moscatel extra sec, tres vieux Douro; Caffé. O jantar deixou as melhores impressões; e todos são concordes em affirmar que foi uma festa explendida deixando em Berlim as mais gratas recordações. Todos os convivas allemães admiraram a quantidade de qualidades dos vinhos portuguezes, surprehendendo-os tanta variedade. Durante o banquete, que principiou ás 7 horas e terminou ás 11 da noite, tocou a orchestra escolhidas valsas de Strauss.

Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes. Reuniu em sessão solemne, no dia 2 do corrente, a assembléa d'esta illustre sociedade, sob a presidencia de Sua Alteza o Principe D. Carlos, para a distribuição de premios aos socios, srs. D. Antonio Xavier de Sousa, bispo de Beja, por este prelado ter estabelecido no seminario da sua diocese, uma escola de archeologia; ao distincto archeologo francez, M. Cartailhac e dr. Elmer Reynolds. Os premios consistiram em medalhas de prata de 1.ª classe. O sr. Gabriel Pereira leu o elogio do socio honorario, já fallecido, João Gazzadini, archeologo italiano.

Exposição Industrial Portugueza. O jury da secção de bellas-artes votou os seguintes premios aos expositores: medalhas de ouro aos srs. Silva Porto e Antonio José Nunes Junior, ambos professores da Academia de Bellas-Artes de Lisboa; medalhas de prata aos srs. Antonio Moreira Rato Junior, esculptor; Luiz Caetano Pedro de Avila, architecto; Ernesto Condeixa, José Vital Branco Malhoa, Antonio Monteiro Ramalho Junior e José Velloso y Salgado, pintores; medalhas de cobre á sr.ª D. Josepha Greno e aos srs. Adolpho Greno, Luciano Freire, Manuel Henrique Pinto e R. Hogan, pintores; menções honrosas aos srs. José Queiroz, Carlos Augusto Xavier e João Maria Heitor. O jury foi composto dos srs. Antonio Thomaz da Fonseca, presidente; Lino d'Assumpção, secretario e Alberto Nunes, Prospero Lasserre, Simões d'Almeida, Silva Porto, Adolpho Greno, Antonio Ramalho, José Malhôa, Joaquim Prieto e Antonio José Nunes Junior, vogaes.

O padre Duparquet. Recebeu-se a noticia da morte do padre Duparquet, um dos mais prestantes missionarios de Africa, muito principalmente na parte occidental, onde cooperou com as auctoridades portuguezas. A respeito da sua morte lêmos no nosso collega *O Primeiro de Janeiro* as seguintes considerações com que concordamos plenamente. «O padre Duparquet era em extremo affeiçoado a Portugal. Não ha ainda muitos annos, sendo bispo de Angola e Congo o sr. cardeal patriarcha de Lisboa, que tinha as melhores relações com o veneravel missionario francez, o padre Duparquet, que fundou a missão de Huilla, repetidas vezes manifestou o desejo de se collocar ao serviço de Portugal, naturalisando-se até cidadão portuguez, se preciso fosse, tamanhas eram as sympathias que sentia pelo nosso paiz e o desejo de por qualquer fórma lhe prestar serviços. Circunstancias supervenientes fizeram com que não fosse por deante o seu intento. No entanto é de justiça dizer-se que o padre Duparquet prestou a Portugal desinteressados serviços e que bastaria a obra de civilisação que elle logrou iniciar e desenvolver na Huilla, aonde attrahiu padres portuguezes, tornando-os verdadeiros missionarios, á altura da sua missão e das responsabilidades que ella lhes impunha, para fazer com que a morte do benemerito missionario tenha na imprensa portugueza uma commemoração sentida, como homenagem de reconhecimento á memoria do modesto e devotado sacerdote, que tão nobremente soube sempre comprehender e cumprir o seu dever sagrado.»

O quinino. Tem baixado consideravelmente o preço d'esta droga tanto em uso hoje na therapeutica. A razão d'isto attribue-se á grande cultura que nos ultimos tempos se tem feito em Ceylão da chinchona, cultura de que alli se lançou mão, assim como da do chá, em consequencia da depreciação do seu commercio de café. Dez milhões de kilos de casca de chinchona que foram fornecidos a todo o mundo no anno de 1887, mais de dois terços forneceu-os Ceylão. Apesar d'isto, espera-se que o quinino augmente consideravelmente de preço, porque a cultura do chá é mais productiva e compensadora em Ceylão, e a cultura da chinchona vae sendo alli abandonada.

Caldas da Rainha. O sr. dr. Rodrigo Berquó, novo administrador do hospital das Caldas da Rainha, projecta grandes melhoramentos n'aquelle estabelecimento, que vão embellezar e tornar mais attractiva aquella estação de banhos. Esses melhoramentos consistem em transformar uma vinha que existe junto ao passeio da Copa, em um bello parque arborisado, abrindo um grande lago, onde se poderá andar embarcado em ligeiros barquinhos para diversão dos banhistas. No mesmo parque haverá jogos da bola, de *croquet*, tiros ao alvo, passeios em velocipedes e outros divertimentos. É caso para dar parabens ás nossas elegantes banhistas.

Touradas em Paris. As auctoridades de Paris negaram a licença que lhe fôra pedida pelo sr. Calhamar, para a construcção n'aquella cidade, de uma praça de touros, para n'ella se realisarem touradas á portugueza, durante a exposição de 1889. A prefeitura do Sena fundamentou a sua recusa em não consentir corridas em que se derramasse sangue. Estamos perfeitamente de accordo e já esperavamos este mesmo resultado.

Leão XIII. O principe de Liechtenstein offereceu a Leão XIII o seu principado para sua residencia, caso o papa queira sahir de Roma. Este principado é situado em Arlberg, entre as fronteiras austriaca e suissa; tem uma população de 9:000 almas, e são todos allemães catholicos. O principe promptifica-se a mandar construir uma sumptuosa cathedral e palacio para habitação de Leão XIII. O papa agradeceu este generoso offerecimento, declarando que não tinha tenção de abandonar Roma por emquanto.

Academia Real das Sciencias de Lisboa. Foi eleito, na ultima reunião, vice-presidente o sr. dr. Thomaz de Carvalho; reeleitos secretarios os srs. Latino Coelho e Pinheiro Chagas; thesoureiro o sr. Motta Pegado. Para presidente da segunda classe foi eleito o sr. visconde de Benalcanfor e para inspector da bibliotheca o sr. Vilhena Barbosa. A candidatura do sr. Theophilo Braga para socio effectivo teve parecer favoravel.

Empreza União Agricola Portugueza. Com este titulo acaba de fundar-se no nosso paiz uma empreza verdadeiramente patriotica, que se propõe a cultivar todos os terrenos incultos em Portugal, e muito especialmente na provincia do Alemtejo. O capital d'esta empreza é estrangeiro e elevado, como reclama uma empreza d'esta ordem. É desnecessario encarecer as vantagens que d'aqui podem resultar para o paiz, com o desenvolvimento que a industria agricola vae ter. Esses vastos terrenos do Alemtejo, incultos e povoados de matto, ou em charnecas aridas, devem produzir os mais compensadores resultados desde que sejam convenientemente cultivados, segundo os processos modernos da agricultura, aproveitando-os segundo a sua natureza nas variadas culturas de que são susceptiveis. Esta grande empreza deve criar á nossa agricultura uma nova época de prosperidades, com que o paiz se engrandecerá, pois que da terra é que ha a esperar todas as riquezas. A cultivação em tão larga escala será ainda um forte agente para oppôr á emigração crescente do paiz.

FRANCISCO MARIA DE BARROS E VASCONCELLOS DA CRUZ SOBRAL

Fallecido no dia 3 do corrente (Segundo uma photographia)

Morte de um artista portuguez. Falleceu no Rio de Janeiro o distincto pintor Augusto Rodrigues Duarte, artista devidamente apreciado pelo merito que possuia. O finado, nascido em Portugal, constituiu-se artista brazileiro, fazendo os estudos de desenho e de pintura historica na academia do Rio de Janeiro, onde obteve varias medalhas de merito, e completou os estudos em Paris com o pintor Jerôme. Era tambem clarinetista e professor de musica de bastante merito; foi com o auxilio do ensino d'esta arte que se manteve durante o tempo d'aquelles estudos. Como recompensa de seu elevado merecimento artistico foi agraciado com o habito da Rosa na exposição geral de bellas-artes, em 1884. Entre os seus quadros distinguem-se o do salão do Louvre notavel pela perspectiva; «O enterramento de Atala», scena de um capitulo da obra de Chateaubriand, que se acha na Academia das Bellas-Artes do Rio de Janeiro, adquirido pelo Estado; e uma explendida cabeça de estudo, que existe na sala de honra do Lyceu de Artes e Officios, d'aquella cidade; como effeito de luz destaca-se «O interior de uma officina». Era professor benemerito do Lyceu de Artes e Officios, onde prestou relevantes serviços, pelo que o respectivo director o propôz para ser condecorado.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

La Condessa Leonor *drama en tres actos y en prosa, original de Manuel Lorenzo d'Ayot, de la Academia Mont-Real de Toulouse,* Madrid, 1888. Precede a obra uma auto-biographia do auctor. Este drama é no genero de pura escola romantica, com todos os idealismos dos amantes poetas, que precederam a escola moderna. Entretanto o seu auctor tem apenas 22 annos, como declara na sua auto-biographia. Em tão curtos annos é já longa a lista dos seus trabalhos litterarios, de que nos dá noticia n'este livro, quando diz que publicou dezessete obras, quatorze discursos pronunciados em differentes sociedades litterarias e scientificas, além da sua collaboração em varios periodicos litterarios.

Exposição de vinhos portuguezes em Berlim, *catalogo dos productos da circumscripção do sul,* 1888. Lisboa, Imprensa Nacional. Publicado pelo Ministerio das Obras Publicas.

Catalogue Spéciale *de l'exposition de vins portugais à Berlim,* 1888. Lisbonne, Imprimerie Nationale. Publicado pelo Ministerio das Obras Publicas.

Katalog der Ausstellung Portugiesischer weine in Berlin *veranstallet vom centralverein fur Handelsgeographie und Forderung deutscher Interessen in Auslande, Berlin, und der central-commission der Ausstellung portugiesischer weine in Berlin. Lissabon, Anfang Ouctober bis Ende dezember 1888.* Imprensa Nacional. Publicado pelo Ministerio das Obras Publicas.

Africa Occidental, *album photographico e descriptivo,* David Corazzi, editor, Lisboa. Fasciculo 80 e ultimo com que terminou esta bella publicação, a que muitas vezes nos temos referido n'este logar com o louvor que merece.

Jornal de Horticultura Pratica, proprietario, José Marques Loureiro, redactor, Joaquim Casimiro Barbosa, Porto. Numero 12 do volume XIX, correspondente a este mez, com que concluiu o 19.° anno de existencia, pelo que felicitamos o seu proprietario. Este volume é dedicado á memoria de Bernardino Antonio Gomes, de que publica o retrato em gravura feita por Caetano Alberto. Acompanha o retrato a biographia do sabio medico e botanico que tanto illustrou a sciencia.

O Testamento Vermelho, por Xavier de Montépin, traducção de A. M. da Cunha e Sá, illustrado com aguarellas de Manuel de Macedo. David Corazzi, editor, Lisboa, 1888. Volume III d'este magnifico romance.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, *fundada em 1875.* Imprensa Nacional. 7.ª serie, n.os 9 e 10, cujo summario é: Actas da commissão executiva da imprensa, que fazem parte de uma collecção de documentos camoneanos, hoje existentes na Sociedade de Geographia de Lisboa. O summario do n.° 10 é o seguinte: Dialectos crioulos-portuguezes — Apontamentos para a grammatica do crioulo que se falla na ilha de S. Thiago de Cabo Verde, por A. de Paula Brito, director do correio e recebedor particular da Praia — Actas das sessões de 10 e 19 de janeiro, 8 de fevereiro, 7 de março, 5 e 30 de abril, 9 de maio de 1887.

Bibliotheca do Povo e das Escolas, David Corazzi, editor, Lisboa. N.° 162, *Lingua portugueza* por Antonio Maria Baptista, professor. N.° 163, *A mulher na antiguidade,* por J. A. Marques Gomes, etc.

Elementos para a historia do municipio de Lisboa por Eduardo Freire de Oliveira. Folhas 36 e 37 com que conclue o terceiro tomo d'esta importante obra, feita a expensas da camara municipal de Lisboa, que a mandou imprimir para commemorar o centenario do marquez de Pombal, em 1882.

Jornal de Pharmacia e Chimica, publicação mensal, redactor F. J. Rosa. Lisboa. N.° 23 do 2.° anno, novembro. Publica differentes artigos sobre assumptos pharmaceuticos.

Historia da Revolução Portugueza de 1820, *illustrada com os retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epoca, etc.* Por José d'Arriaga. Lopes & C.ª successores de Clavel & C.ª editores. Porto. 1888. Fasciculo n.° 31 do 3.° vol.

O Instituto *revista scientifica e litteraria,* vol. XXXVI, outubro de 1888, segunda serie n.° 4, Coimbra. O summario d'esta excellente publicação é o seguinte: Principios de estatica judicial, por Silva Cordeiro; Ensaio sobre a theoria do imposto, dissertação para a cadeira de Sciencia e Legislação Financeira da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, por João Baptista Ribeiro Coelho; As conferencias na academia, por Junio de Souza; *Catalogue des Coleoptères du Portugal,* par M. Paulino d'Oliveira; Notas malacologicas, por Augusto Nobre; Sobre a natureza das cousas — poesia — por A. de M. Falcão; Fabulistas portuguezes — esbocetos — IV Gil Vicente — por F. P.; Apologo, o pote de azeite — por Gil Vicente; Bibliographia — *Escriptos diversos* de Augusto Filippe Simões, por Antonio José Teixeira; Fastos Portuguezes — Miniaturas historicas — V Abertura da Universidade, 1 de outubro, por A. A. da Fonseca Pinto; Universidade de Coimbra, premios e informações boas e distinctas — anno lectivo de 1887-1888; Obras offerecidas ao Instituto.

Typ. Castro Irmão — Rua do Marechal Saldanha 31 — Lisboa